

Augusto Emílio Zaluar: aspectos da trajetória e produção de um intelectual português no Brasil do século XIX*

Denise Aparecida Sousa Duarte¹

Graduanda em História - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

ddenao@yahoo.com.br

Resumo

O português Augusto Emílio Zaluar chegou ao Brasil em 1849, e desenvolveu a maior parte de sua produção literária e editorial. Nesse período o país se encontrava num processo no qual o desenvolvimento da Literatura, Educação e da Ciência estava direcionado para a criação e valorização do que era pátrio, com a finalidade de gerar reconhecimento e identidade da população em relação à Nação brasileira. Zaluar se insere, nesse contexto, como colaborador na difusão dessas idéias, ainda que, a partir da análise de sua biografia, possamos concluir que ele não compartilhava com outros intelectuais do mesmo sentimento de apreço pelo país. Assim podemos considerar que sua produção resulta de seu conhecimento acerca da demanda literária brasileira no período e, dessa forma, conhecendo sua obra temos uma noção daquilo que deveria ser mais consumido e apreciado pelo leitor coevo.

Palavras-chaves: Augusto Emílio Zaluar, Brasil no século XIX, Divulgação científica.

Abstract

Augusto Emílio Zaluar was a Portuguese who arrived in Brazil in 1849, and here he developed most of his literary and editorial production. During this period Brazil was passing through a process in which Literature, Education and Science development was directed to the creation and valorization of what was typically Brazilian, aiming the generation of a world recognition about the Brazilian Nation. Zaluar appears in the context as an important personality who will work on diffusion of these ideas, even though based on the analysis of his biography we can conclude he wasn't sharing the same regard feeling for Brazil with others intellectuals. Therefore, it's possible to consider that everything he has produced is the result of all his knowledge about Brazilian literary demand during that specific period. So that, based on his productions we will have a better notion about what should attract more the Brazilians readers in the 19th century.

Keywords: Augusto Emílio Zaluar, Brazil in 19th century, Scientific popularization.

Augusto Emílio Zaluar

Lembro-me de ver no passeio público aos domingos, passear nas suas laterais envolto em amplo albornoz de capuz, dos que tantos se usavam então, um moço alto e esbelto, de fisionomia árabe, cabelos crespos, olhos grandes e negros, tez bronzada e ar melancólico e distraído que faz com que os burgueses digam consigo ao verem um poeta: “ainda bem que não sou feito assim”. Era Zaluar...²

○ ar de tristeza e mistério que envolvia a figura de Augusto Emílio Zaluar certamente foi constante na vida desse português naturalizado brasileiro. As razões que o trouxeram ao Brasil e as que impediram seu retorno a Portugal ainda não foram completamente esclarecidas, embora já se saiba que, provavelmente, referem-se a questões políticas em sua terra natal. No ano de 1846, durante a Revolução de Maria da Fonte,³ o então jovem escritor havia se alistado nos corpos populares sob as ordens da Junta do Porto,⁴ o que nos

leva a considerar que este foi o motivo que culminou na sua vinda para o Brasil.

Augusto Emílio Zaluar nasceu em Lisboa em 14 de fevereiro de 1825⁵ e veio para o Brasil ainda jovem, com aproximadamente 24 anos. Ainda em Portugal dedicou-se ao jornalismo literário, abandonando o curso médico-cirúrgico no qual havia se matriculado. Lá escreveu seus primeiros versos: *Poesias* (1846) e *A cruz do Valle* (1848).

Aparentemente não era intenção de Zaluar abandonar sua terra natal, uma vez que nas cartas que ele escreveu no Brasil⁶ dirigidas ao amigo Raimundo Bulhão Pato em Portugal, demonstrava sentir um extremo sentimento de apego e saudosismo.

Chegou ao Brasil em 1849, naturalizado em 1856, período descrito por Marcus Vinícius de Freitas como um tempo de grande estabilidade política e surto de desenvolvimento econômico, no qual:

¹ Atualmente é bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq do projeto Pompa Barroca: Semana Santa, escatologia e culto santoral na época moderna, sob orientação de Adalgisa Arantes Campos.

² MACHADO, Julio César. *Notas para um dicionário de portugueses notáveis do meu tempo*. N.º 11/137- Augusto e Mariano Pena: Biblioteca Nacional de Portugal.

³ Revolução que rebentou no Minho em razão da Lei de Saúde Pública promulgada em 1844, pelo governo de Costa Cabral. A lei criava uma nova rede de autoridades sanitárias responsáveis pelos sepultamentos, repasse de certidões de óbito e tributo o covato. A revolta em princípio tinha mulheres a frente, como por exemplo, Maria da Fonte, sua “líder mítica”. Essa insurreição chegou a assustar a Coroa portuguesa e se tornou um dos importantes episódios da História de Portugal. REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. PP85-86.

⁴ SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico português: applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional. 1858-1884.v.1.

⁵ BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. v.1. p.351-3. Entretanto, o catálogo de obras raras da Biblioteca Nacional do Brasil, afirma que ele tenha nascido em 14 de janeiro de 1826, e não em 1825 como havia sido falado: http://catalogos.bn.br/scripts/odwp032k.dll?_bs&pr=autoridades_pr&db=autoridades&use=pn&disp=list&sort=off&ss=NEW&rg=zaluar,|augusto|emilio acessado em 04/02/2009.

⁶ Carta de Augusto Emílio Zaluar a Bulhão Pato.6de 1867. Carta de Augusto Emílio Zaluar a Bulhão Pato – BN Brasil, 04 de junho de 1874.

[...] um movimento cultural centrado no Imperador Pedro II, que busca construir um certo conceito de nação, no qual literatura, história e ciência se entrelaçam para sustentar a auto-indulgente imagem do Império nos trópicos.⁷

Esse processo se manteria, assim como relatado pela pesquisadora Moema de Rezende Vergara, como sendo sustentado até a transição da Monarquia para a República, pois, “ainda persiste a necessidade de construção de uma nacionalidade brasileira pela elite intelectual e política”,⁸ dando origem assim a uma unidade no que diz respeito a mentalidade da sociedade brasileira.

Nesse contexto, Augusto Emílio Zaluar desenvolveu a maior parte de suas obras, como romances, poemas, traduções e até mesmo a edição de jornais. O reconhecimento da sua importância literária e profissional pode ser medido pelo fato dele ter recebido a condecoração da Ordem do Rosa⁹ e ter participado de importantes sociedades do período, tais como a Sociedade Auxiliadora da Indústria, instituição essa que, segundo Manuel Luís Salgado Guimarães, tinha como marca o espírito iluminista dos séculos XVII e XVIII e que propunham incentivar o progresso e desenvolvimento dos brasileiros.¹⁰

Já Afonso de E. Taunay afirma que Zaluar teria ainda sido eleito, em 10 de novembro de 1876, como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, obtendo aprovação unânime do parecer de admissão relatado por Benjamim Franklin de Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz Galvão.¹¹ Entretanto, durante nossa pesquisa, foram levantadas as listas de sócios do IHGB presentes nas revistas do mesmo instituto, e o nome do escritor português não consta em nenhuma delas, o que nos leva a crer que ele, possivelmente, teria recusado ao cargo.

Em relação a sua obra no Brasil podemos ressaltar que ele se relacionou com outros intelectuais do novo país e, inegavelmente, consumiu textos aqui produzidos. Tal fator o levou a perceber o momento vivido pelo país e quais temas poderiam agradar o público em geral. Assim, acredita-se que Zaluar não tenha desenvolvido um sentimento nacionalista em relação ao Brasil, e também não possuísse nenhum interesse além do comercial e de sobrevivência, mas, acabou por contribuir no processo de constituição de uma idéia de Nação brasileira e de desenvolvimento de uma literatura nacional.

Considerando ainda outros aspectos de sua vida podemos crer que ao apresentar seu intento de retornar a Portugal quando fala a Bulhão Pato, em 1874,¹² Zaluar não estava legalmente impedido de voltar para tal local e, portanto, não seria esse o motivo de permanecer no Brasil. O fato de ter

constituído uma família aqui (o que se caracteriza como algo concreto, pois, ele diz na mesma carta que está enviando o filho mais velho dos três que teve) pode ter impedido seu retorno à terra natal, uma vez que os custos da viagem com toda família deveriam ser elevados, e por isso aqui permaneceu.

Quanto a sua obra, podemos afirmar com certeza que ela atinge diversos tipos de leitores, já que ele atuou em diferentes campos de conhecimento, como por exemplo, os estudantes, seus pais - ao trabalhar com livros didáticos e que buscavam auxiliar os indivíduos a obter uma conduta moral correta - bem como os intelectuais, com poesias e cursos de filosofia.

Zaluar revela-se possuir um espírito inovador, dotado de uma visão abrangente em relação aos acontecimentos de seu tempo. Apesar da profunda relutância em se satisfazer com sua vida no Brasil, utiliza-se de temas em voga no país e que, provavelmente, já eram tratados na Europa, tomando esses como base de todo o seu trabalho.

Conhecer sua obra é, portanto, uma forma de investigar temas e escritos que se tornaram tendência no mercado literário e editorial brasileiro no século XIX, acreditando que sua trajetória e produção tenham se voltado ao mercado consumidor vigente no país em que veio morar.

Zaluar e os escritos educativos

(...) no século XIX se difundiu a noção de instrução pública vinculada a iniciativa de organização dos sistemas nacionais de ensino, tendo como objetivo permitir o acesso de toda a população de cada país a uma escola capaz de garantir o domínio das competências relativas ao ler, escrever e contar (...).¹³

Como podemos perceber a partir da citação de Saviani Demerval, o século XIX foi responsável pela idéia de que a educação não deveria ser somente vinculada ao Estado, como também atingir a população de cada país de forma generalizada. No Brasil, ainda que essa idéia tenha sido firmada somente a partir do século XX, é inegável que durante o oitocentos a preocupação com a educação da população brasileira tenha se tornado consistente e manifestada na pauta de discussões do período, como uma forma privilegiada de afirmar-se como uma Nação civilizada.

Nesse momento de constituição de um cenário onde a educação da população tem papel primordial, Emílio Zaluar assumiu uma profunda ligação com as instituições de ensino brasileiras. Além de trabalhar como amanuense da secretaria de justiça foi examinador da Instrução pública e lente de pedagogia no momento criação da Escola Pública Normal. Ele dedicou ainda grande parte de

⁷ FREITAS, Marcus Vinicius de. *Charles Frederick Hartt: um naturalista no Império de Pedro II*. São Paulo: Editora UFMG, 2002, p.35.

⁸ VERGARA, Moema de Rezende. *A Revista brasileira: vulgarização científica e construção de uma identidade nacional na passagem da Monarquia para a República*. Tese de doutorado. 2003. Disponível Em: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG_0651.D2/W/SHOW?Mat=&Sys=&Nr=&Fun=&CdLinPrg=pt&Cont=4288.pt acessado em 03/02/2009).

⁹ Ordem que premiou militares e civis, nacionais ou estrangeiros que sobressaíram em relação à fidelidade ao Imperador e por serviços prestados ao estado. Foi criada para perpetuar a memória do casamento de D. Amélia e D. Pedro I, sendo que esse concedeu apenas 189 insígnias, enquanto D. Pedro II distribuiu 14.284 condecorações. (Ministério da Fazenda/Banco Central do Brasil. Disponível em www.bcb.gov.br/ORDIMROSA acessado em 20/09/2007).

¹⁰ Foi dentro desta sociedade que se idealizou e fundou, em 21 de outubro de 1838, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Porém, ainda que criado dentro da Sociedade auxiliadora da indústria o IHGB organizou-se administrativamente independente da organização na qual foi gerada e, em 1º de dezembro de 1838 coloca-se sob proteção do imperador. GUIMARÃES, Manuel Luis Salgado. *Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico e o projeto de uma História nacional*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1988. pp.4-27. nº1.

¹¹ TAUNAY, Afonso de E. Pre-fácio. In: ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela Província de S. Paulo (1860-1861)*. São Paulo: Martins, 1953. ((Biblioteca Histórica paulista,II)), p.5.

¹² Carta de Augusto Emílio Zaluar a Bulhão Pato, 04 de junho de 1874.

¹³ DEMERVAL, Saviani. História da Escola Pública no Brasil: Questões para Pesquisa. In: DEMERVAL, Saviani.; LOMBARDI, José Claudinei.; NASCIMENTO, Maria Moura. *A Escola Pública no Brasil: história e historiografia*. Autores Associados: 2005. p.3. Disponível em: http://books.google.com/books?id=6ZuNfluzvzEC&printsec=Frontcover&dq=historia+da+instru%C3%A7%C3%A3o+publica+no+brasil&lr=&hl=pt-BR#PPR7_M1 acessado em 01/02/2009.

seus textos a elaboração e tradução de escritos voltados para o desenvolvimento intelectual e moral dos indivíduos, como no auxílio as mães no processo de formação dos filhos, e noções elementares de geografia, que serviam ao preparatório para a matrícula no Colégio Pedro II. Outras de suas publicações consagradas à educação tratam de conhecimentos práticos necessários para a vida, extratos clássicos de autores, cursos de filosofia, livros destinados à infância e adolescência e textos que apresentam a leitura nas escolas elementares.

Devemos ressaltar a importância de seus textos dentro do âmbito educacional brasileiro, sendo que várias de suas produções destinadas para esse fim foram editadas pela Francisco Alves & cia, editora que se caracterizou pela publicação de livros destinados ao mercado escolar.

Segundo Andréa Borges Leão, o português Francisco Alves chegou ao Brasil em 1863 para ajudar o tio livreiro Nicolau Alves, que se encontrava com a saúde precária. Examinando fontes da época a autora observou que já era recorrente salientar o tino comercial do mencionado Francisco Alves, pois: “dele, dizia-se que farejava o valor comercial de uma obra sem precisar folhear muitas páginas. Suas escolhas, ainda que ditadas pelo apuro do gosto, não eliminavam os cálculos para o negócio”,¹⁴ o que nos leva a crer que a escolha dos escritos de Augusto Emílio Zaluar para publicação dessa editora não tenham sido meramente irrelevante, e sim fruto de uma seleção convicta para se evitar qualquer tipo de prejuízo.

Em relação aos contratos de publicações de livros de Zaluar com os Alves encontram-se os títulos *Primeiro livro da infância e primeiro livro da adolescência* em 1871, *Lições de coisas inanimadas e animadas* em 1875, *Extratos Clássicos dos sete autores* em 1876 sendo tais textos negociados ainda entre Zaluar e o próprio Nicolau Alves; e *Livros de leitura Graduada* em 1882, *Lições de cousas animadas e inanimadas* em 1900 e *Livro da adolescência ou exercícios de leitura e lições de moral* em 1890, póstumos a Zaluar e com contratos assinados com Francisco Alves.¹⁵

Vale sublinhar o fato de que a última cláusula do contrato menciona à indicação obrigatória que deveria constar nos livros, isto é, a exclusividade no Brasil de edição pela Francisco Alves & Cia, o que indica, possivelmente, a importância de Emílio Zaluar para o mercado editorial do período. Postula ainda que a prorrogação do contrato seria de mais três anos dentro das mesmas condições daquele que estava sendo feito no momento, o que evidencia o interesse da editora em garantir a negociação de tais títulos.

Escritos literários: breves considerações sobre a produção de Zaluar

A visão da literatura romântica dentro do projeto civilizatório do Brasil serviu de modelo para parte dos escritos de Zaluar, que:

(...) nesse contexto simbólico, a representação da floresta tropical como elemento da identidade nacional mantinha uma certa coerência. No entanto, o projeto de desenvolver uma nação civilizada requeria imagens que a representassem como tal, mostrando alguns indícios de civilidade nos hábitos de sua população, na arquitetura das cidades, na dignidade de seus governantes, nas suas instituições.¹⁶

A partir dessa visão em relação à Nação Brasileira, Zaluar dedica alguns escritos voltados para os elementos citados acima, que se apresentam como uma forma de ressaltar o ambiente e a cultura do país que o acolheu.

Dentre seus escritos o livro *Peregrinação Pela Província de S. Paulo (1860-1861)* é nos dias de hoje o mais encontrado. Em *Peregrinação*, Zaluar descreveu duas regiões por ele visitadas: uma pequena parte do interior da Província do Rio de Janeiro e a Província de São Paulo.

Na primeira parte do livro, o autor relata o início de sua viagem, cujo percurso seguiu o Rio Paraíba, rio que deu nome inclusive ao jornal que estava editando nesse período. Essa parte do livro foi enviada ao dito jornal, sendo seus relatos publicados em forma de artigos.

Ao comentar a intenção de seu livro, ele próprio alega ter escrito o mesmo em função “(...) de servirem de itinerário a quem daqui por diante se aventurar como eu, em uma peregrinação através de lugares recônditos”.¹⁷ Seu propósito imediato era o de tratar da gente que viu nessas regiões, bem como a infra-estrutura e desenvolvimento de tais localidades, demonstrando como era a vida no período do Império de D. Pedro II.

Outros textos da segunda parte de seu livro foram publicados na *Revista Popular*, tipo de impresso que segundo Giselle Martins Venâncio, constituía num gênero de periódico de grande difusão no século XIX, pois associava textos informativos e recreativos, tornando sua leitura útil e agradável.¹⁸

No geral, segundo o próprio autor, o livro não tinha intenção de atuar como um tratado sobre questões geográficas, históricas e políticas. Todavia, ele descreve minuciosamente a riqueza das fazendas locais, os municípios e as pessoas que encontrou durante seu percurso. A maneira como se refere a tais localidades revela ainda uma forma de agradecimento e cordialidade àqueles que o receberam.

¹⁴ LEÃO, Andréa Borges. *Francis-co Alves e a formação da literatura infantil*. In: SEMINÁRIO BRASI-LEIRO SOBRE O LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1. 2004. Anais eletrônicos...Rio de Janeiro: UFE, 2004. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/andreaborgesleao.pdf>. Acesso em 22/mar/2008.

¹⁵ Contratos presentes no Arquivo do LHIED.

¹⁶ ZENHA, Celeste. O Brasil na produção das imagens impressas durante o século XIX. In: DUTRA, Eliana de Freitas. (org); MOLLIER, Jean-Yves. (org) *Política, Nação e Edição: O lugar dos impressos na construção da vida política do Brasil, Europa e América nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006. p.362.

¹⁷ ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela Província de S. Paulo (1860-1861)*, p.32.

¹⁸ VENÂNCIO, Giselle Martins. *Ler ciência nas páginas da Revista Popular (1859-1862)*. In: XXIV Simpósio Nacional de História, 2007, São Leopoldo. Livro de resumos do XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo: Editora Oikos Ltda, 2007, p.461-473.

Relatando o ambiente e os progressos instituídos nos lugares por onde passou, o autor acabou por legar ao leitor futuro os aspectos de uma região que já não existem mais, servindo tal obra como um documento importante para a história regional do Brasil.

Zaluar dedicou-se também à escrita de poemas, sendo esse o gênero com que iniciou seu trabalho de escritor. Uma de suas poesias pode ser caracterizada como importante instrumento de propagação dessa visão harmônica entre o natural e a sociedade: o poema *Os Rios*, dedicado ao imperador D. Pedro II, que, a partir da consagração e comparação entre do Rio Amazonas e o Mississipi, tenta ressaltar a importância que o novo continente americano teria no futuro, ao se tornar símbolo de prosperidade. Em face disso, ao colocar os dois rios como possuidores da mesma importância, ele apresenta também a idéia da proximidade entre o Brasil e os Estados Unidos, e possivelmente, sugere que um dia os dois países ocupariam lugares próximos:

Eis do futuro o symb'lo! Os dois rios gigantes
Traçando sobre a sphaera em linhas rutilantes!...¹⁹

Zaluar segue igualando os dois rios a outros que tiveram grande importância na história da humanidade, como Tigre e Eufrates, Nilo e Jordão. Utiliza-se ainda da comparação de ambos ao Mar Vermelho que teria, segundo a Bíblia, sido atravessado miraculosamente por Moisés, como forma de libertação. Assim sendo, através dessa analogia, os povos que com ele atravessaram, seriam os escolhidos:

Rasga as ondas como Moysés e o povo eleito avista
Transpondo num gesto seu a libertada margem!

Ele prossegue referindo-se a descoberta de Colombo, apresentado Brasil e Estados Unidos como os dois Impérios da América, locais fecundos onde existem riquezas como ouro e diamantes:

Ao mundo de Colombo em fim ragão-se os véos;
[...] Aqui fecunda entorna a mão da natureza
[...] Os veios d'ouro alastrão o solo, onde engastado
Refulge o diamante e ao sol rouba o fulgor! [...]

Entretanto, é estranho pensar que o mesmo autor da carta relativa ao Brasil, como local possuidor de um ar que o matava e o envelhecia precocemente,²⁰ fosse o mesmo que teria escrito tanto no poema *Os Rios* quanto o livro *Peregrinação pela Província de S. Paulo (1860-1861)*. Os aspectos referentes à natureza e a infra-estrutura de tais locais são evidentes a quem aqui verificasse, porém, apresentar o Brasil de forma tão cultural, só enfatiza o caráter de contradição entre seus sentimentos e sua expressão escrita.

Zaluar vulgarizador: seus textos de divulgação científica

No texto, *A Divulgação de ciência como literatura*, Ana Maria Mora destaca aspectos que podem nos auxiliar na leitura de questões levantadas nos textos de Zaluar relacionados à divulgação das ciências, pois, ela afirma:

No Final do século XIX a divulgação da ciência tinha dois objetivos. O primeiro adaptá-la aos leigos interessados em ciência mas não-especialistas. O segundo era informar os cientistas ativos em uma disciplina sobre aquilo que estava acontecendo em outras.(...) Produziam-se revistas cultas, onde eram resenhados e debatidos tanto romances de vanguarda, poesia, política e história, quanto livros importantes de todas as ciências (...). A ciência tinha se tornado uma força dominante na vida intelectual e prática.²¹

Essa temática encontra-se entre alguns escritos de Emílio Zaluar, como por exemplo, no romance-científico *Dr. Benignus*. Neste texto, o autor empenha-se na tentativa de divulgar os conhecimentos da ciência tida como moderna, por meio de uma narrativa agradável e atraente. Tal tendência é seguida por grande parte daqueles que tratavam das “Sciencias” no período, assim como já sugerido acima, tanto na citação de Ana Maria Mora, como também por Giselle Martins Venâncio.²² No romance, o médico, Dr. Benignus teria chegado a conclusão de que embora as relações de amizade fossem fundamentais para o homem, elas deveriam ser conservadas de longe. Deixando seus amigos para trás, ele muda-se com sua família para o interior de Minas Gerais, onde organiza uma expedição pela Província, com a finalidade de desenvolver suas pesquisas sobre a habitabilidade do sol. Ao final de seus levantamentos ele conclui de forma indiscutível que o sol era habitável.²³

Nem a temperatura elevada da superfície solar, nem os argumentos provenientes de importantes pesquisas da época conseguiram convencê-lo, o que nos leva a crer que a forma pela qual o médico desenvolve sua pesquisa e a conclui, denota ser uma crítica a ciência positivista do período, na qual a partir do conhecimento empírico eram indiscutíveis os argumentos provenientes de pesquisas científicas.

Ao publicar a dita obra Zaluar inaugura esse tipo de escrita no Brasil, um misto de diário de viagem e relato ficcional, assim como as já conhecidas e apreciadas obras de Julio Verne, o que demonstra mais uma vez que o escritor estava em contanto com aquilo que fazia sucesso no mercado literário.

¹⁹ ZALUAR, Augusto Emílio. *Os Rios*. *Revista Popular*, v. XIV, p. 370-372, 1862.

²⁰ Carta de Augusto Emílio Zaluar a Bulhão Pato, 20 de março de 1867.

²¹ MORA, Ana Maria Sánchez. *A divulgação da ciência como literatura*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2003. p. 23-24.

²² VENÂNCIO, Giselle Martins. *Ler ciência nas páginas da Revista Popular (1859-1862)*. In: XXIV Simpósio Nacional de História, 2007, São Leopoldo. Livro de resumos do XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo: Editora Oikos Ltda, 2007, p.461-473.

²³ ZALUAR, Augusto Emílio. *O doutor Benignus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. 379p.

Uma outra manifestação da difusão em massa dos conhecimentos científicos, empreendidas por Zaluar na segunda metade do século XIX foi a criação do jornal *O Vulgarizador*. Denominado como “Jornal conhecimentos úteis”, circulou no período de 1877-1880, exibindo artigos que tinham como temas os indígenas, romances, inovações tecnológicas, e as ciências.

Seus artigos eram frutos de pesquisas, recebendo títulos tais como: *As Sciencias*, assinado por Indoctus, *Movimentos da atmosfera – tufões*, de F. A. D’Almeida e *Novas propriedades chymicas do hydrato de chloral, usos therapeuticos, chloral crotonico*. Na introdução deste último, por exemplo, Zaluar afirmava “essas notas são extrahidas do último relatório appresentado a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pelo Dr. José Freire, lente de Chimica organica da mesma facultade”.²⁴

Há ainda o artigo *Renilla*, assinado por Charles Frederick Hartt, a quem é destinado também a manchete de capa do Jornal número 21, de 15 de maio de 1878, que tratava de sua morte. Esse fato demonstra novamente a importância que a divulgação das ciências tinham para Zaluar, uma vez que o jornal teve a preocupação em dar destaque à morte do cientista americano responsável pela Comissão geológica do Brasil, diferentemente dos outros jornais da época.²⁵

Moema de Rezende Vergara no trabalho sobre *Ciência, Cultura e Público* aborda o jornal *O Vulgarizador*, e nele levanta a hipótese de que no dito jornal o tema abolição aparecesse de forma a mostrar o modelo norte-americano, numa sugestão de que o Brasil deveria utilizar-se de tal modelo para alcançar o progresso.²⁶ Dessa forma fica claro, assim como já citado acima quando tratamos do poema *Os Rios*, que Zaluar possuía a crença de que para o Brasil se desenvolver a referência modelar deveria ser os Estados Unidos, país também jovem mas em estagio mais desenvolvido.

O Vulgarizador foi um dos quatro jornais editados por ele, sendo que todos foram destinados a assuntos inovadores para a época, assim como o já citado *O Parahiba*, Jornal consagrado a interesses comerciais, industriais e agrícolas, *A Civilização*, dirigido aos interesses gerais do país e *O Município*, Jornal científico, noticioso e comercial.²⁷

Letras de Modinhas e hinos e outros romances ainda povoam a obra que Zaluar constituiu no Brasil. Porém, acredita-se que, embora bastante inserido no mercado editorial brasileiro e com uma rica produção, este autor não se satisfizes com sua trajetória por aqui.

Como já foi citado anteriormente, do Brasil ele escreveu aos amigos de Portugal em cujas cartas demonstra claramente a insatisfação e angústia frente a sua presença no país. Em correspondência, enviada ao amigo Bulhão Pato em março de 1867, Zaluar expõe seu sentimento sobre o Brasil, ao afirmar: “Estou doente, e o que é ainda pior, não

tem cura! O clima deste país me mata e envelhece prematuramente”.²⁸

Em outra carta ao mesmo destinatário, ele evidencia mais uma vez o desconforto com a vida aqui. Na correspondência em que pedia para que o amigo português recebesse seu filho mais velho que estava sendo encaminhado a Portugal para estudar, Zaluar revela também o descontentamento por não ser ele quem estaria retornado a Lisboa, uma vez que há muito tempo alimentava esse desejo.²⁹

Também o texto presente no espólio de Augusto e Mariano Pena, depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, denominado nas notas para um *Dicionário dos portugueses notáveis do meu tempo* encontra-se uma evidência do anonimato que acabou por cair Zaluar, conseqüência, especialmente de sua escolha em permanecer no Brasil. Diz o texto: “Naturalizando-se brasileiro em 1856, Zaluar em vez de melhorar perdeu-se. Não ficou dos nossos, nem deles”.³⁰

É ainda este mesmo documento que sugere o quanto a vida de Augusto Emílio Zaluar foi sofrida, e de sua frustração ao vir para o Brasil:

Era um homem verdadeira e sinceramente triste; diziam-o em parte os seus versos, em parte a expressão do seu semblante; a sua vida disse o resto. Ele não foi ao Brasil dançar nos bailes, de cravo ao peito, a caça de um casamento: foi devorado de mágoas, aproveitar o último lampejo da esperança, trabalhar e lutar. [...] porém, a desgraça tem seus prediletos, e até se converte n’uma espécie de protetora misteriosa que os defende de certos males. [...] O sofrimento da alma intimida os perigos, vaidoso de destruir sozinho o edifício da vida. Não contente, segue que uma doença ou uma fenda qualquer, lhe levem a vítima. Tem ciúmes do seu direito de destruição, e diz ao perigo: Não toques n’este homem que ele é meu.

Apesar de tudo, Augusto Emílio Zaluar conseguiu observar e descrever como poucos as inovações de seu tempo. Conhecer a sua obra é dar-se conta de algumas das formas como eram estruturadas e desenvolvidas a ciência, a educação e a literatura da segunda metade do século XIX.

Zaluar foi um homem aparentemente triste e fechado, mas que pode ser considerado um dos notáveis de sua época, uma vez que sua produção alcançou áreas, públicos e interesses diversos, de forma clara e abrangente. Pouco se conhece sobre sua família, seja aqui ou em Portugal. Sabe-se apenas que era filho do Major José Dias de Oliveira Zaluar e teve três filhos no Brasil, sendo o mais velho de nome Augusto, como o pai. Morreu em 3 de abril de 1882 na cidade do Rio de Janeiro.

²⁴ *Vulgarizador*, 24 de agosto de 1877. n.4.

²⁵ “No dia 18 de março de 1878, a imprensa do Rio de Janeiro noticiou, em pequena nota, a morte de uma personagem praticamente desconhecida do público: Charles Frederick Hartt (...) o geólogo não teve nenhuma deferência especial, seja pública ou privada” FREITAS, Marcus Vinicius de. *Charles Frederick Hartt: um naturalista no Império de Pedro II*, p.17.

²⁶ VERGARA, Moema de Rezende. *Ciência, Cultura e Público: periódicos científicos literários no Rio de Janeiro*. In: XXIV Simpósio Nacional de História ANPHU – 2007. Disponível em <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/analises/Moema%20R%20Vergara.pdf>, acessado em 03/12/2008.

²⁷ BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliographico brasileiro*. p.353.

²⁸ Carta de Augusto Emílio Zaluar a Bulhão Pato, 20 de março de 1867.

²⁹ Carta de Augusto Emílio Zaluar a Bulhão Pato, 04 de junho de 1874.

³⁰ Espólio de AUGUSTO e Mariano PENA. Notas para um Dicionário dos portugueses notáveis do meu tempo. BN- Portugal.

* O presente artigo foi fruto do Projeto de pesquisa *Augusto Emílio Zaluar e a divulgação científica no Brasil no século XIX*, desenvolvido no curso de História da Universidade Federal de Minas Gerais durante o ano de 2007, sob a orientação de Giselle Martins Venâncio (Agradeço a Giselle as informações recolhidas em pesquisa nos Arquivos do LHIED, BN – Portugal, BN – Brasil)

**Escritos de Augusto Emílio Zaluar no Brasil arrolados durante o período da pesquisa
Augusto Emílio Zaluar e a divulgação científica do século XIX (ordem cronológica)**

| Título | Ano | Observações |
|---|------------|--|
| <i>Dores e Flores</i> | 1851 | Rio de Janeiro. |
| <i>Os Mohicanos de Pariz</i> | 1854-56 | Romance de A. Dumas, Rio de Janeiro. Saiu no Correio Mercantil. Num episódio onde o autor suspendeu a publicação do original em 1860, Zaluar fez um remate da história por sua conta, até a volta da publicação do original. |
| <i>O Parahiba</i> | 1857-60 | Petrópolis, Jornal. |
| <i>A Civilização</i> | 1861 | Santos, Jornal. |
| <i>Revelações: O Lar; Ephemeras; A Musa Fraternal; Harpa brasileira</i> | 1862 | Pariz, livro de Poesias. |
| <i>Peregrinação pela Província de S. Paulo (1860-1861)</i> | 1863 | Pariz, escrito aplaudido pelo jornal Lê Bresil, n°36, de 3 de outubro de 1863, e pelo Espectador da América do Sul, cujo redator foi o Conselheiro J. M. de Amaral. |
| <i>Hino do Paysandu</i> | 1864 | Poesia de Zaluar, para assinantes do Bazar Volante. |
| <i>Uruguaiana</i> | 1865 | Rio de Janeiro, Poema que comemora a rendição da divisão paraguaia que ocupava Uruguaiana, e a entrada das forças brasileiras. |
| <i>Os heróis brasileiros na campanha do sul</i> | 1865 | Pelo bacharel E. de Sá Pereira e Castro. |
| <i>Cofre de tartaruga</i> | 1866 | Rio de Janeiro, conversação em um ato. |
| <i>Contos da roça</i> | 1868 | Rio de Janeiro. |
| <i>Sábios ilustres</i> | 1869 | |
| <i>Emília Adelaide</i> | 1871 | Rio de Janeiro, traços bibliográficos e críticos. |
| <i>Primeiro livro de leitura e moral para uso das escolas primarias</i> | 1871 | Rio de Janeiro, livro adotado pelas Escolas Públicas do governo na Corte e em São Paulo. |
| <i>Manoel Antonio de Almeida</i> | 1871 | Rio de Janeiro, apontamentos críticos e bibliográficos. |
| <i>Poesias de Álvares de Azevedo</i> | 1872 | Apreciação de Zaluar. |
| <i>O Município</i> | 1873 | Vassouras, Jornal. |
| <i>O Doutor Benignus</i> | 1875 | Rio de Janeiro, romance-científico. |
| <i>Exposição Nacional Brasileira</i> | 1875 | Rio de Janeiro, artigos que o autor publicou no Globo. |
| <i>O bicho da seda e amoeira</i> | 1876 | Rio de Janeiro, A sericultura no Brasil. Tradução do manuscrito francês do Conde La Hure. |
| <i>Lições de coisas inanimadas e animadas</i> | 1876 | Rio de Janeiro, Guia para professores e mães que querem instruir seus filhos com conhecimentos práticos para o mundo. |
| <i>Extractos Clássicos</i> | 1876 | Rio de Janeiro, sete autor clássicos escolhidos para os |

| | | |
|--|---------|---|
| | | exames da língua portuguesa da Inspectoria da Instrução Pública. |
| <i>Compêndio de um curso de Philosophia Elementar</i> | 1877 | Rio de Janeiro, Curso lecionado no Lyceu Carlos Magno e na Escola Preparatória de Santa Bárbara. |
| <i>O Vulgarizador</i> | 1877-78 | Rio de Janeiro, Jornal. |
| <i>A minha irmã</i> | 1878 | Modinha. |
| <i>Primeiro livro da infância e adolescência</i> | 1880 | Rio de Janeiro, exercício de leitura e lição de moral aprovado pelo governo imperial e pela Inspectoria da Instrução Pública para uso nas escolas primárias. |
| <i>Noções elementares de Geografia</i> | 1880 | Rio de Janeiro, Escrito de acordo com os pontos da geografia que serviram para matricula no primeiro ano do Colégio Pedro II. |
| <i>Nova série de livros de leitura graduada</i> | 1881 | Rio de Janeiro, para as escolas elementares do Brasil. Método de leitura e pronuncia do português. |
| <i>Nova série de livros de leitura graduada, etc. Segundo livro.</i> | 1881 | Rio de Janeiro, dividido em fábulas, anedotas e narrações; descrições e noções úteis; História e bibliografias; Agricultura; conselho de um professor aos discípulos e poesias. |
| <i>Segredos da noite</i> | s/d | |
| <i>A criação</i> | s/d | |
| <i>Os Rios</i> | s/d | Poesia dedicada a D. Pedro II. |
| <i>História da Bello Judáico</i> | s/d | |

Fonte: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliographico brasileiro*. p.351-353. Real Gabinete Português de Leitura. Disponível em <http://www.realgabinete.com.br/ASP/Pesquisa.asp>. Catálogo de obras raras Biblioteca Nacional – Brasil. Disponível em <http://www.bn.br/portal/>. Biblioteca Nacional de Portugal – Anais da Bn, 1965, v.85, p.137 / Coleção de periódicos raros.